

3- Experiência

Vimos como Benjamin concebe seu método de pensamento, o que será de fundamental importância para tratarmos a noção de experiência, haja visto que para entendermos seu objeto de estudo e seus conceitos é fundamental entendermos como Benjamin desenvolve sua teoria, pois não é possível dissociar a forma como a investigação de Benjamin é conduzida acerca do tema com a questão abordada. Essa noção estruturante de sua filosofia²⁹ abarca ideias que perpassam todo seu pensamento, assim nos voltamos para um texto de juventude *Experiência* onde, pela primeira vez, aparece a palavra “experiência”. Diga-se de passagem, aparece dando título ao texto, como que anunciando a importância que a palavra terá no decorrer de sua obra.

Neste texto Benjamin articula seu pensamento a partir da figura do filisteu, cabe ressaltar que o filisteu se apresenta como uma imagem benjaminiana, ou seja, uma imagem que articula um extenso arcabouço de sentidos. O termo designaria “o indivíduo de mentalidade estreita, o burguês utilitarista”³⁰, aquele que é desprovido de sensibilidade estética, indiferente à poesia, ou, de outro modo, aquele que toma as artes como um objeto de cultura a ser consumido, pois ao seu ver, é de bom tom que se apresente em sociedade um vasto conhecimento das artes. Enfim, de uma forma ou de outra, Benjamin intenciona apontar este filisteu como o indivíduo da tradição, voltado para o hábito das ideias consolidadas pelo uso, e indiferente às mudanças do presente, ou melhor, o filisteu não é apenas indiferente às mudanças, mas chega a ser inimigo delas, pois repudia tudo que é novo, e a juventude, como esta que por excelência é representante do novo, é desvalorizada, tomada como uma diminuta fase na vida de um homem maduro.

No texto o filisteu segue lançando mão do velho argumento de autoridade: já viveu tudo, por isso sabe como as coisas são, sabe que a fase dos sonhos e

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.21 nota de rodapé.

³⁰ “O termo filisteu usa-se vulgarmente entre os estudantes e designa, num sentido muito lato, mas usual, os que são o contrário do artista, do amigo das Musas, do homem verdadeiramente culto. Mas o filisteu culto, cujo tipo temos o triste dever de descrever (...), este filisteu culto distingui-se do filisteu vulgar por uma ilusão. Julga que é um amigo das Musas e do homem culto.” NIETZSCHE apud MURICY, Katia. *Alegoria da Dialética*, p. 45.

fomentação de ideias com os anos se frustra. No seu tempo de juventude o filisteu experimentou a flexibilidade de ideias, as inúmeras possibilidades de interpretar o real, liberdade de tudo poder, de não estar preso a nenhum conceito, e diante o vazio de todas essas possibilidades o filisteu se sentiu arrebatado pelo sem sentido: se toda verdade é possível, logo não há verdade alguma, nada justifica a interpretação onde se pauta a existência. Assim ele se pôs frente ao vazio de que não há nada previamente determinado, e foi tomado por uma angústia que o impeliu a agarrar-se em alguma verdade, alguma certeza. Então, toda a energia da juventude perdeu sua força e o resto dos anos foram dedicados a seguir os passos da tradição. A vida o convoca para que cuide da sequência dos dias, das preocupações cotidianas e essa seria a experiência própria ao filisteu. Assim “(...) a grande ‘experiência’, anos de compromisso, pobreza de ideias, lassidão. Assim é a vida, dizem os adultos, eles já experimentaram isso”³¹.

Por já terem se frustrado em seus primeiros anos e terem experimentado a falta de sentido da vida³², eles se refugiaram na segurança das certezas e garantias da experiência, ou seja, naquilo que é “eternamente-ontem”³³. A palavra experiência é aqui empregada evocando um movimento de repetição, que de tanto se repetir torna-se o “evangelho do filisteu”³⁴, sua doutrina, sua norma de proceder, em outras palavras, seu método: um pensamento obediente a uma verdade já determinada, na qual todo real é forçado a se adequar a esta perspectiva e o que não cabe dentro dos moldes é recalcado e silenciado. Assim o filisteu toma a experiência como seu evangelho e refugia-se no conforto de verdades universais, onde tudo está assegurado dentro de conceitos.

Contudo, o consolo desta segurança é pago com o esquecimento da juventude e do que Benjamin chama de espírito³⁵, “A juventude lhe é a lembrança

³¹ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 22.

³² BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação p. 22. “sim, isso experimentaram eles, a falta de sentido da vida, sempre isso, jamais experimentaram outra coisa.” BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.22

³³ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.22

³⁴ “(...) a experiência transformou-se em seu evangelho”. BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.22

³⁵ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.24.

eternamente incômoda (...) por isso ele a combate”³⁶. O filisteu não teria uma memória de acontecimentos que atribuam sentido à sua vida, apenas uma lembrança comum dos fatos, uma lembrança objetiva de como as coisas se repetem. Assim, o filisteu coloca-se totalmente imerso na perspectiva instrumental, em que as experiências são tomadas como moeda comum que pertencem a todos e a ninguém, pois os conceitos não singularizam o presente, mas antes provocam uma ditadura do igual em que tudo é feito como se faz. Nessa homogeneidade niveladora não se indica nada de próprio, nenhuma singularidade, trata-se de uma interpretação do real que é assimilada por todos, é universal, mas não traz nenhuma leitura do contingente, nada que faça ver o real, não rompe a habitual conexão de ideias, apenas cuida para que as conexões se estabeleçam no âmbito do previsível. É a repetição enfadonha, nivelada ao que é geral e da qual se subtraem todas as peculiaridades do presente. É nesse sentido que assevera Benjamin: “vivenciar sem o espírito é confortável, embora funesto”³⁷.

A palavra experiência, neste texto de juventude, vem abarcar uma percepção da realidade própria ao filisteu, ao homem do método e do conhecimento. Fica bastante claro que Benjamin mobilizou todas as forças rebeldes da juventude, como ele mesmo confessa em nota de rodapé acrescentada posteriormente³⁸, contra a palavra “experiência”. Pois de fato esta noção é apresentada de forma bastante diferente nos textos posteriores, tal como em *Experiência e pobreza*. Contudo, cabe ressaltar que o texto de 1913 não se faz somente de rebeldia juvenil, antes, podemos dizer que está aí um esboço do pensamento que posteriormente ganha formas e amplitude na obra deste pensador.

No texto *Experiência* podemos observar a preocupação do jovem Benjamin com a valorização do presente - questão que posteriormente perpassará toda sua obra, principalmente em textos como *Sobre o conceito de história*, *Experiência e pobreza*, conforme veremos. Ele se esforça em apontar a necessidade de romper com o imobilismo e engessamento da tradição que postula conceitos universais sem observar o fenômeno singular. Ao irromper contra a

³⁶ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 24

³⁷ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 24

³⁸ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 24

experiência como repetição, Benjamin nega a divisão de forma e conteúdo, pois a repetição de um conceito universal, uma forma prescrita para todo pensamento não pode estar necessariamente articulada com a singularidade de cada conteúdo, nesse sentido Benjamin assevera: “cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo”³⁹, não há essa experiência defendida pelo filisteu, ou seja essa experiência abstrata, depurada de conteúdo, do contrário, o que há é outro tipo de experiência⁴⁰ que abre mão do conforto e segurança do conceito e não se baseia na intenção de representar algo. Essa “outra” experiência, conforme Benjamin nos avisa, pode ser dolorosa e até hostil⁴¹, pois implica em encarar o vazio e aceitar que não há uma intenção que direcione a busca, um método que indique como se conduzir, o que há é um movimento que se apresenta à medida que é feito, por isso forma e conteúdo são imanentes, ou seja a forma se apresenta à medida que o conteúdo é apresentado, no aqui e agora do apresentar do real.

No texto *Experiência*, a noção homônima ao texto é apresentada a partir de duas vertentes; a primeira como repetição de um conceito abstrato, no caso, a experiência do filisteu, e a segunda é uma forma de experiência como noção que é usada para versar sobre o movimento próprio de apresentação do presente.

A princípio pode parecer contraditório que uma mesma palavra indique movimentos tão distintos, o que pode parecer um problema de inconsistência deste texto de juventude, todavia cremos que se trata de diferentes pontos de vista, pois como diz Benjamin, o positivo e o negativo estão presentes na mesma coisa, o que varia é o ângulo de visão⁴². Assim, há na noção de experiência tanto a repetição e consolidação de um conceito, quanto o movimento de construção de novas conexões, assim o pensamento segue nesse equilíbrio tenso. Desta feita, quando Benjamin afirma que embora nesse primeiro momento de sua obra tenha utilizado a palavra experiência abarcando um sentido de repetição de conceito, e

³⁹ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p.23.

⁴⁰ “(...) conhecemos uma outra experiência”. BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 24.

⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 23 e 24.

⁴² “(...) os contornos da parte positiva só se realçarão nitidamente se ela for devidamente delimitada em relação à parte negativa. Toda negação, por sua vez, tem o seu valor apenas como pano de fundo para os contornos do vivo, positivo. Por isso, é de importância decisiva aplicar novamente uma divisão a esta parte negativa, inicialmente excluída, de modo que a mudança de ângulo de visão faça surgir novamente, nela também, um elemento positivo e diferente daquele anteriormente especificado”. BENJAMIN, Walter. *Passagens*, seção N 1ª, 3.

posteriormente passe a empregar a palavra em outro sentido, ele permanece fiel a si mesmo⁴³, pois a palavra já abarcava em si essa tensão de sentido. Nesse texto Benjamin apresenta uma noção de experiência cindida entre sentido de repetição do filisteu e de criação de novas conexões de ideias do jovem, onde o jovem é outra imagem que vem apresentar o movimento próprio de busca de novas ideias, de não se acomodar a conceitos da tradição, mas pensar novas articulações que melhor deem conta de tratar as questões do presente.

Neste caso estamos convencidos que este texto *Experiência* traz o prenúncio do desdobramento do pensamento de Benjamin acerca da referida noção, um desdobramento que não é linear, do contrário obedece ao método não direto do filósofo, pois sua obra se desenvolve pela dinâmica própria do pensamento: de fragmentação e montagem, em que uma ideia apresentada contém uma enorme possibilidade de leituras que podem vir a ser desdobradas posteriormente. Assim, conforme observaremos, a noção de experiência se desdobra e expande; ela aqui traz tanto uma possibilidade de experienciar o presente e criar interpretações para as questões atuais, como se associa a uma tradição desgastada própria ao filisteu, ou seja, tradição que se restringe a uma repetição maquinal. Porém nos parece bastante obscuro o que vem a ser essa tradição e principalmente como é possível interpretar tradição pelo ponto de vista da modernidade.

43

¹ “permaneci fiel a mim mesmo. Pois o meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar”. BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 21, nota de rodapé.